

CINEMA, NATURALISMO, DEGRADAÇÃO

ENSAIOS A PARTIR
DE FILMES BRASILEIROS
DOS ANOS 2000

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UFES
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
Jaqueline Moll - UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Simone Mainieri Paulon – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

CINEMA, NATURALISMO, DEGRADAÇÃO

ENSAIOS A PARTIR
DE FILMES BRASILEIROS
DOS ANOS 2000

BRUNO LEITES



Editora Sulina

Copyright © Bruno Leites, 2021

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Katte Produções

Revisão: Vânia Möller

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

L533c Leites, Bruno

Cinema, naturalismo, degradação: ensaios a partir de filmes brasileiros dos anos 2000 / Bruno Leites. – Porto Alegre: Sulina, 2021.

239 p.; 16x23 cm.

ISBN: 978-65-5759-040-9

1. História do Cinema. 2. Crítica de Filmes – Brasil. 3. Cinema - Brasil. I. Título.

CDU: 791.437

CDD: 791.409

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana
CEP: 90620-100 – Porto Alegre, RS – Brasil

Tel: (51) 3110 9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

[Agosto/2021]

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Ao brilhante amigo e orientador,
Alexandre Rocha da Silva
[*in memoriam*].

Agradecimentos

À supervisora de estágio doutoral, Teresa Castro. Aos membros das bancas de defesa e qualificação de tese [Tânia Galli (*in memoriam*), Cristiane Gutfreind, Carmen de Oliveira, Ramayana Lira, Nísia Martins do Rosário, Guilherme da Rosa]. Aos amigos do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação. Ao pessoal do ST Teoria de Cineastas da SOCINE e dos Encontros de Teoria de Cineastas. Aos colegas e estudantes das instituições em que atuei no período [UFPEL/CA, IFRS/Alvorada, UFRGS/Fabico]. Ao PPGCOM/UFRGS e à CAPES.

Aos pesquisadores que comentaram trechos do manuscrito final [Rogério Oliveira, Osmar Gonçalves, Lennon Macedo]. Aos cineastas e produtores que autorizaram o uso das imagens no livro.

À Cacaia [*in memoriam*]. Aos meus pais e irmãos, Márcia, Antônio, Nina e Bernardo. Ao meu trio maravilhoso, Stefânia, Gael e Serena.

“Não estou obrigado a ser naturalista [...] Esta não é a minha ideia, sente-se imediatamente que é um mundo muito obscuro.”

GILLES DELEUZE

NOTA PRELIMINAR

A maior parte deste trabalho foi desenvolvida para a pesquisa que resultou na tese “Quando a imagem faz sintoma: imagem-pulsão e neonaturalismo no cinema brasileiro dos anos 2000”, que foi defendida pelo autor em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação de Alexandre Rocha da Silva. A pesquisa teve bolsa da Capes, inclusive para estágio doutoral no exterior (IRCAV/Université Sorbonne Nouvelle, 2014-2015, supervisão de Teresa Castro).

Dos seis ensaios aqui contidos, três possuem versões publicadas anteriormente em revistas acadêmicas.

Filmes naturalistas e suas dispersões foi publicado como “O naturalismo e suas dispersões em filmes brasileiros dos anos 2000”, na revista *InTexto*, v. 49, p. 173-195, UFRGS, Porto Alegre, 2020.

Imagem-pulsão, o naturalismo em Gilles Deleuze foi publicado como “Deleuze and the work of death: a study from the impulse-images”, na revista *Deleuze and Guattari Studies*, v. 14, p. 229-254, Edinburgh University Press, Edimburgo, Escócia, 2020.

Cláudio Assis e a imagem que faz sintoma foi publicado como “A imagem que faz sintoma: sobre o método naturalista de Cláudio Assis”, na *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento*, v. 7, n. 2, p. 108-128, Lisboa, Portugal, 2020.

SUMÁRIO

PREFÁCIO | 17

APRESENTAÇÃO: VER O NATURALISMO | 21

1 FILMES NATURALISTAS E SUAS DISPERSÕES | 35

1.1 Introdução: o naturalismo além da transparência do dispositivo | 35

1.2 As referências ao naturalismo no cinema | 37

1.3 Características gerais do naturalismo | 41

1.4 Reunião e dispersão de características naturalistas em filmes brasileiros | 49

1.4.1 Filmes naturalistas | 50

1.4.2 Filmes naturalistas irônicos e cíclicos | 51

1.4.3 Filmes com traços naturalistas | 53

1.4.4 Filmes com naturalismo em dispersão | 54

1.5 Uma periferia naturalista | 57

1.6 [Além do naturalismo n. 1] – O desejo contra a pulsão (*Madame Satã*) | 59

1.7 Sobre o panorama do naturalismo no cinema brasileiro dos anos 2000 | 62

2 IMAGEM-PULSÃO, O NATURALISMO EM GILLES DELEUZE | 69

2.1 Introdução: pulsão de morte e naturalismo em Gilles Deleuze | 69

2.2 Recepção crítica do conceito de imagem-pulsão | 71

2.3 A peculiar função das imagens-pulsão na taxonomia de Gilles Deleuze | 74

2.4 O *sem-fundo*: terrível instinto de morte | 79

2.5 Mudança de paradigma: do instinto de morte ao corpo sem órgãos | 85

2.6 O que há de pulsão de morte nas imagens-pulsão | 92

3 O PENSAMENTO NATURALISTA		97
3.1 Introdução: da transparência à produção de sensação		97
3.2 A tragicidade no naturalismo		105
3.2.1 O trágico cotidiano do naturalismo nos filmes		105
3.2.2 O patético trágico: um estudo de temperamento em <i>Amarelo manga</i>		111
3.2.3 [Além... n. 2] – A morte como uma exterioridade (<i>Os inquilinos</i>)		115
3.3 Objetividade e subjetividade no pensamento naturalista		117
4 FILMES QUE PENSAM A IMPOTÊNCIA DO PENSAMENTO		131
4.1 Uma rede de comentaristas impotentes e doentios		131
4.2 A palavra testemunhal e a função passiva do pensamento		135
4.3 [Além... n. 3] – A função ativa da palavra poética (<i>Febre do rato</i>)		137
4.4 [Além... n. 4] – A eficácia da palavra ancestral (<i>Árido movie</i>)		139
4.5 Crise da política e terrorismo no pensamento naturalista		141
5 MUNDOS E SUBMUNDOS NATURALISTAS		147
5.1 Introdução		147
5.2 O mundo naturalista: relações de espaço e personagem		148
5.2.1 O espaço e a forma localizada		148
5.2.2 O espaço e o deslocamento no naturalismo		152
5.2.3 [Além... n. 5] – O deslocamento desnaturalizante (<i>Deserto feliz</i>)		158
5.2.4 A figura humana e sua inserção no espaço		161
5.2.5 O personagem no mundo naturalista		164
5.3 O mundo naturalista: efeitos clássicos da pulsão de morte		168
5.3.1 A deformação		168
5.3.2 A repetição		172
5.4 O submundo naturalista: uma questão de figuração		177
5.4.1 Figuração direta		177
5.4.2 Figuração negativa		179

5.4.3 [Além... n. 6] – Do buraco à banheira vitalista

(*Febre do rato*) | **185**

5.4.4 Uma questão de figuração no naturalismo | **186**

6 CLÁUDIO ASSIS E A IMAGEM QUE FAZ SINTOMA | **193**

6.1 Introdução: um método de engajamento | **193**

6.2 A diferença entre fazer sintoma e fazer diagnóstico com a imagem | **197**

6.3 A imagem que desconforta | **199**

6.3.1 A crueza da matéria | **201**

6.3.2 O grito em silêncio | **202**

6.3.3 A associação entre desejo e violência | **204**

6.3.4 A violência gráfica em *Baixio das bestas* | **206**

6.4 A imagem que satisfaz | **207**

6.4.1 Investir no prazer da imagem | **207**

6.4.2 Fazer um primeiro plano pulsional | **209**

6.4.3 Expor corpos típicos-normativos | **212**

6.5 Risco político da sintomatologia: retroalimentar a miséria | **214**

6.6 Considerações finais | **217**

REFERÊNCIAS | **223**

Referências gerais | **223**

Filmes | **233**

Literatura naturalista | **237**

Artes visuais | **237**

Prefácio

Cristiane Freitas Gutfreind

Entre a objetividade do mundo e a subjetividade do olhar: a revelação do naturalismo

Em *Cinema, Naturalismo, Degradação: ensaios sobre o cinema brasileiro dos anos 2000*, Bruno Leites nos apresenta um tema inquietante que está presente na ontologia das imagens fílmicas, propondo diversas interpretações e diferentes reflexões filosóficas e artísticas. É uma temática desafiadora, daquelas que atormentam o espírito, promovem desconforto e experiências estéticas arrebatadoras. O autor encara o desafio fixado na sua pulsão de vida e se dedica a aprofundar o tema a partir da cinematografia brasileira da década de 2000. Para isso, ele recorre a reflexões empreendidas na sua trajetória acadêmica, utilizando-se de um estilo de escrita impecável, no qual o pensamento parte da imagem para construir ideias e conceitos. Estes tensionam a objetividade do mundo e a subjetividade do olhar em direção ao corpo, ao tempo e à política.

O naturalismo se estende da realidade existente na natureza humana à realidade psíquica e social, ou seja, coloca o sujeito diante do difícil entendimento de estabelecer limites entre o humano e o artífice, arriscando a se esvaziar em uma designação de que é tudo o que existe e suas variantes possíveis. Além disso, no cinema o realismo é tecnicamente naturalizado, pois o objeto filmado é entendido como uma

totalidade da estrutura do real. No entanto, nos ensaios de Bruno Leites, escapamos dos esvaziamentos e das afirmações generalistas sobre o tema cinema-naturalismo. O que temos, então, é a consistência do domínio teórico dos múltiplos entendimentos da noção de naturalismo dissertados com maestria, percorrendo um caminho preciso, amparado, principalmente, pelas reflexões de Gilles Deleuze. O naturalismo é apresentado ao leitor não apenas como um tema que caracteriza um gênero fílmico, mas como uma característica de filmes que se mostram ao mundo de maneira singular por meio de imagens que fazem os indivíduos resistirem em torno da presença da degradação.

Os filmes aqui pensados, como *Cronicamente inviável*, *Baixio das bestas*, *Cheiro do ralo*, entre outros, contam a nós sobre o Brasil do início do século XXI e mostram a coesão e a ressonância da violência, da ambiência dos costumes e dos valores que envolvem o país. A imagem-pulsão de Deleuze, norteadora para o entendimento desses aspectos, é indagada de forma a levar o leitor a apreender a força da morte pela redução das tensões.

O pensamento naturalista, alinhado com os *filmes que pensam a impotência* da vida, revelam o pulsional, o sórdido, a miséria, em suma, nas palavras do autor, “as doenças do mundo”. Desse modo, chega-se ao final do percurso com o primoroso ensaio, desvelando a alienação social e psíquica que indicam os sintomas da imagem que incomoda, por meio dos filmes de Cláudio Assis. Nesses alinhamentos, o autor nos mostra o domínio dos objetos pesquisados e a ordem de relação entre eles, o que nos revela uma certa ideia de naturalismo: o espaço degradado e a figuração performativa dos personagens por meio da pulsão de morte.

A partir desse ponto de vista, pode-se afirmar que o autor disserta sobre um cinema brasileiro que se apresenta como um dispositivo cultural a partir de um inventário de filmes naturalistas (irônicos, cíclicos, dispersos) que dissecam os elementos e as formas sensoriais.

Nesse sentido, esses filmes deixam aparente a natureza humana, que faz referência a um país violento, ampliando o que a filosofia nos apreendeu como naturalista: a característica integralmente natural do mundo.

Bruno Leites nos apresenta uma obra referencial sobre um tema fundamental para aqueles que se interessam por imagens e nos deixa uma matriz estrutural para pensar o naturalismo em outros filmes de outros tempos.